

A midiatização da crise migratória global e os discursos sobre o Time Olímpico de Refugiados

The mediatization of the global migratory crisis and the discourses about the Refugee Olympic Team

*Ana Isabel Freire Monteiro dos Santos Marinho**¹

Aluna do Programa de Pós-graduação em Comunicação – Universidade Federal do Piauí

*Prof^a. Dra. Monalisa Pontes Xavier***²

Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação – Universidade Federal do Piauí

Resumo

Este trabalho apresenta uma discussão sobre a crise migratória global e sua relação com o processo de midiatização da sociedade. A crise de refugiados tem impactado o campo midiático, principalmente a partir dos atravessamentos deste com outros campos sociais como o político e o econômico, por exemplo. Nesse sentido, apresentamos aqui uma análise da midiatização da crise migratória e reflexões sobre a construção discursiva da crise de refugiados através de notícias sobre o Time Olímpico de Refugiados publicadas nos sites do Comitê Olímpico Internacional (COI) e do *United Nations High Commissioner for Refugees* (UNHCR), no contexto dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Para tanto, nos apoiamos em estudos sobre midiatização de Braga (2012), Hjarvard (2012) e Fausto Neto (2008), sobre a crise de refugiados com Agier (2006; 2011) e Bauman (2017), e sobre análise de discursos a partir da perspectiva de Charaudeau (2015). Em um contexto de profundas mudanças que se refletem no surgimento de uma nova configuração da sociedade e de novas formas de relacionamento entre os atores sociais e a mídia, acreditamos ser imprescindível refletir sobre as implicações da midiatização e seus atravessamentos com processos sociais contemporâneos.

Palavras-chave:

Midiatização; Refugiados; Discurso; Olimpíadas Rio 2016.

Abstract

This paper presents a discussion about the global migratory crisis and its relation with the process of mediatization of society. The refugee crisis has impacted the media field, mainly from the crossings of this with other social fields such as political and economic, for example. In this sense, we present here an analysis of the mediatization of the migratory and reflections on the discursive construction of the refugee crisis through news about the Refugee Olympic

* Jornalista. Aluna do Programa de Pós-graduação em Comunicação (Mestrado) da Universidade Federal do Piauí, vinculada à linha de pesquisa Mídia e Produção de Subjetividades. E-mail: anaisabel_freire@hotmail.com

** Orientadora. Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos. Docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, na linha Mídia e Produção de Subjetividades. E-mail: monalisapx@yahoo.com.br

Team published on the websites of the International Olympic Committee (IOC) and the United Nations High Commissioner for Refugees (UNHCR) in the context of the Rio 2016 Olympic Games. Therefore, we rely on studies on mediatization of Braga (2012), Hjarvard (2012) and Fausto Neto (2008), on the refugee crisis with Agier (2006; 2011) and Bauman (2017), and on the analysis of discourses from the perspective of Charaudeau (2015). In a context of profound changes that are reflected in the emergence of a new configuration of society and of new forms of relationship between social actors and the media, we believe that it is imperative to reflect on the implications of mediatization and its crossings with contemporary social processes.

Keywords: Mediatization; Refugees; Discourse; Rio 2016 Olympics.

1 Introdução

Em nossa pesquisa, ainda em andamento, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, nos dedicamos a buscar compreender o processo de midiatização das migrações contemporâneas, especialmente no que tange à questão das populações de refugiados que, de acordo com registros da Organização das Nações Unidas, já superam a marca de 22 milhões de pessoas.

Para pensarmos sobre uma temática tão complexa e abrangente como a midiatização das migrações contemporâneas e dos refugiados, imperativo se fez delimitássemos nosso observável. Por isso, lançaremos nosso olhar para um caso em particular: a midiatização dos processos migratórios e das populações refugiadas a partir de notícias sobre Time Olímpico de Refugiados, produzidas e difundidas pelo Comitê Olímpico Internacional e pelo UNHCR - *United Nations High Commissioner for Refugees* (Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados), em páginas criadas especialmente para a equipe em seus sites.

Ao observarmos o contexto atual da sociedade, não é difícil percebermos a crescente importância que a mídia alcança, permeando o cotidiano social, influenciando e sendo influenciada pelos atores e instituições. Assim, a processualidade da midiatização se constitui como uma característica da sociedade contemporânea, marcada por uma cultura midiática, que resulta em transformações das configurações sociais, onde as instâncias de produção, circulação e consumo de discursos se estabelecem a partir de relações entre diferentes campos sociais, em processos de atravessamentos e apropriações de lógicas midiáticas (FAUSTO NETO, 2008).

Nesse sentido, a mídia passa a ser mais que instrumento para outros campos, dando ensejo à conformação de ambiência insurgente onde se constituem outros regimes de

discursividades, como nos apresenta Fausto Neto (2012). É nesse contexto social em vias de mediação que buscamos construir o objeto desta pesquisa.

Entendemos que grandes eventos como os Jogos Olímpicos ou Copas do Mundo são interessantes espaços para observação não apenas de manifestações esportivas, mas de atravessamentos entre campos e temáticas sociais, além de agregarem forte caráter midiático. Em 2016, o COI – Comitê Olímpico Internacional promoveu, na cidade do Rio de Janeiro, a primeira edição de Olimpíadas realizada na América Latina, reunindo mais de 11 mil atletas, de 207 delegações, num megaevento acompanhado por milhões de pessoas em todo o mundo.

Mais que disputas por medalhas e quebras de recordes, a edição Rio 2016 entrou para a história do esporte mundial em virtude da presença de uma equipe formada por atletas refugiados: o “Time Olímpico de Refugiados”. Resultado de uma iniciativa do COI e do UNHCR, a equipe foi formada por esportistas da Etiópia, República Democrática do Congo, Síria e Sudão do Sul, tendo como principal argumento para sua criação, a oportunidade de visibilidade para a situação das populações de refugiados.

De acordo com o UNHCR, no ano de 2016, chegou a 65,6³ milhões o número de pessoas que tiveram que abandonar suas casas em razão de conflitos, perseguições, violência generalizada e violações aos direitos humanos. Esse número abrange 22,5 milhões de refugiados, sendo 17,2 milhões sob mandato do UNHCR e 5,3 milhões de palestinos registrados no UNRWA⁴; 40,3 milhões de pessoas deslocadas internamente, ou seja, que saíram de suas casas, mas permanecem no país de origem, e 2,8 milhões de requerentes de asilo. Do total de refugiados, estima-se que 55% sejam provenientes da Síria, Afeganistão e Sudão do Sul, sendo que mais da metade dos 22,5 milhões de refugiados são menores de 18 anos (51%).

Diante do delicado momento vivenciado pela sociedade global e na iminência de realização dos Jogos Rio 2016, o COI anunciou a criação de um fundo de assistência aos refugiados, com verba de dois milhões de dólares a ser aplicada em projetos desenvolvidos pelos Comitês Olímpicos Nacionais no auxílio a essas populações em deslocamento. Além do fundo de assistência, os comitês deveriam ainda buscar por atletas de elite que estivessem em situação de refúgio para que recebessem suporte, de modo a poderem vislumbrar uma vaga

³ UNHCR. Global Trends: Forced displacement in 2016. 2017. Disponível em <<http://www.unhcr.org/5943e8a34>> Acesso em 10 jul. 2017.

⁴ UNRWA - United Nations Relief and Works Agency for Palestine Refugees (Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina) estabelecida pela Assembleia Geral da ONU em 8 de dezembro de 1949 e, desde 1950, presta serviços assistenciais a refugiados da Palestina. Disponível em <http://unrwa.org.br/sobre_a_unrwa/> Acesso em 10 jul. 2017.

olímpica. Ao final do processo, dez atletas foram selecionados para integrar a inédita equipe, que contou com dois nadadores sírios, dois judocas congolezes, um maratonista etíope e cinco corredores de média distância sul-sudaneses.

A criação da equipe se deu num momento em que se tornavam cada vez mais frequentes as notícias sobre o aumento no número de deslocamentos forçados em diversos países da África, Oriente Médio e Sul da Ásia. Relatos de milhares de refugiados arriscando a vida em travessias pelo deserto no continente africano ou tentando cruzar o Mar Mediterrâneo para chegar à Europa estiveram presentes em produções tanto das mídias tradicionais, alternativas, redes sociais e produções de organizações que trabalham diretamente com essas populações.

O Time Olímpico de Refugiados foi intensamente midiaticizado, principalmente por seu ineditismo associado ao momento histórico de crescimento do número de deslocamentos globais. Notícias sobre sua criação e histórias de vida dos atletas figuraram em órgãos de imprensa nacionais e internacionais, além de produções realizadas pelo COI e pelo UNHCR, que compõem nosso observável.

A partir do tensionamento entre o processo de midiaticização da sociedade e a construção discursiva das migrações no contexto dos Jogos Olímpicos através do Time Olímpico de Refugiados, nos questionamos de que modo(s) se dá a midiaticização dessas migrações e dos refugiados em um espaço de visibilidade específico, distinto das mídias tradicionais; quais os sentidos de migração e refugiados construídos a partir dos discursos produzidos pelo COI e pelo UNHCR em seus sites?

2 Migrações contemporâneas: breve contexto

Desde meados de 2015, a sociedade global vivencia o que ficou conhecido como agravamento da crise migratória, resultante do aumento do fluxo de deslocamentos de pessoas pelo mundo. Tal agravamento ocorrido no campo social teve seu alcance potencializado pela mídia por meio de intensa cobertura dos deslocamentos e/ou chegadas de migrantes à Europa, oriundos, em sua maioria, de países da África, Oriente Médio e sul da Ásia.

Em setembro do mesmo ano, na costa da Turquia, os naufrágios de duas embarcações que transportavam migrantes sírios que pretendiam chegar à Grécia, e a imagem do garoto Alan Kurdi, morto em decorrência do naufrágio, chocaram o mundo; a fotografia do corpo inerte do garoto de três anos foi compartilhada milhares de vezes em redes sociais e figurou em páginas de jornais, revistas e sites de notícias no mundo inteiro, tornando-se um símbolo

da crise, num momento em que a maioria dos países europeus adotava políticas que dificultavam o ingresso desses migrantes em seus territórios.

A divulgação da imagem de Alan, morto, deitado de bruços, foi a primeira, mas não a única imagem intensamente midiaticizada da crise migratória. Podemos dizer que, a partir dela, a sociedade passou a consumir de modo mais intenso, mais frequente, informações sobre a migração e a crise a ela relacionada. Em 2016, o relatório “*Global Trends: forced displacement in 2016*” (“Tendências Globais: deslocamento forçado em 2016”), divulgado pela ONU, através do UNHCR, apontou que 65,6 milhões de pessoas se encontram em situação de deslocamento forçado, ou seja, deixaram suas casas em decorrência de perseguições políticas, raciais, religiosas, casos de violência generalizada ou violações aos direitos humanos, e tiveram que buscar proteção em outros lugares, dentro do seu país de origem ou não.

Os dados divulgados pelo UNHCR indicam que o número de deslocamentos continua aumentando em todo o mundo. Segundo relatório divulgado, em 2016, pela Anistia Internacional, aproximadamente 0,3% da população mundial é composta por pessoas refugiadas. O relatório “Enfrentar a crise global de refugiados” (“*Atajar la crisis global de refugiados*”) apresenta um mapa da crise, discute a postura dos países da União Européia frente à mesma e propõe o compartilhamento da responsabilidade pela vida dos refugiados.

No entanto, muitos dos Estados mais ricos do mundo são os que menos acolhem refugiados, tanto em números absolutos como em relação com seu tamanho e riqueza. Por exemplo, o Reino Unido admitiu 8.000 sírios desde 2011, enquanto que a Jordânia - com uma população quase 10 vezes menor que a do Reino Unido e apenas 1,2% do seu PIB - acolheu cerca de 656.000 refugiados da Síria. Até o final de 2015, a população total de pessoas refugiadas e solicitantes de asilo na rica Austrália era de 58.000, contra as 740.000 da Etiópia. Esta situação é intrinsecamente injusta e prejudica os direitos humanos das pessoas refugiadas. (ANISTIA INTERNACIONAL, 2016, p. 3). [tradução nossa]⁵.

O intenso fluxo de pessoas tentando chegar à Europa e aos Estados Unidos potencializou a cobertura da mídia em relação aos deslocamentos, uma vez que o problema atinge diretamente os grandes centros econômicos e políticos do ocidente. Com o

⁵ “Mientras, muchos de los Estados más ricos del mundo son los que menos refugiados acogen, tanto en números absolutos como en relación con su tamaño y riqueza. Por ejemplo, Reino Unido ha admitido a unos 8.000 sirios desde 2011, mientras que Jordania – con una población casi 10 veces menor que Reino Unido y solo el 1,2 % de su PIB– acoge a cerca de 656.000 refugiados de Siria. Al final de 2015, la población total de personas refugiadas y solicitantes de asilo en la rica Australia es de 58.000, frente a las 740.000 de Etiopía. Esta situación es intrínsecamente injusta y menoscaba los derechos humanos de las personas refugiadas.” (AMNESTY INTERNATIONAL, 2016, p. 3).

agravamento da crise econômica em países da União Européia, (o primeiro pacote de ajuda financeira para a Grécia foi aprovado em 2010 pela UE e o Fundo Monetário Internacional⁶), suas populações começam a experimentar períodos de instabilidade, que minam suas expectativas sociais. Nesse contexto, a chegada de migrantes representava uma ameaça, já que, simbolicamente, esses estranhos podem ser os responsáveis pela desestabilização de seu modo de vida convencional e confortável, uma vez que representam o que há de diferente, inesperado, com o qual não sabem lidar e que, por isso, deve ser evitado (BAUMAN, 2017).

Historicamente, países como Grécia e Turquia, dada sua posição geográfica, são canais de acesso à Europa para migrantes que buscam chegar ao continente pelo Mar Mediterrâneo, vindos especialmente do norte da África e do Oriente Médio. Embora esse não seja um fato recente, uma vez que na história moderna são recorrentes os relatos de deslocamentos de pessoas, a atual crise migratória, como lembra Bauman (2017), é também reflexo da instabilidade do Oriente Médio, resultado de ações políticas e militares das potências ocidentais.

Dentre os casos mais proeminentes de visibilidade para as migrações, apontamos aqui a criação e midiatização do Time Olímpico de Refugiados, equipe formada exclusivamente por atletas em situação de refúgio que participaram dos Jogos Olímpicos Rio 2016. Como dito anteriormente, o COI anunciou a criação da equipe, numa ação realizada com o apoio do UNHCR e que teve como um de seus principais argumentos fazer da equipe um símbolo de esperança e encorajamento aos milhares de refugiados em todo o mundo, como está demonstrado nas palavras do Alto Comissário da ONU para refugiados, Filippo Grandi: "Sua participação nas Olimpíadas é um tributo à coragem e à perseverança de todos os refugiados na superação da adversidade e na construção de um futuro melhor para si e suas famílias" (UNHCR, 2016) [tradução nossa]⁷.

3 Migrações e refúgio nos Jogos Rio 2016

O crescente número de deslocamentos populacionais ocasionou a denominação dos recentes processos migratórios como crise. O agravamento desta crise, resultante principalmente da chegada de milhares de migrantes ao continente europeu, coincidiu com o

⁶ BBC. 8 perguntas básicas para entender a crise na Grécia e suas consequências. BBC Mundo, 2015. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150703_grecia_entenda_crise_fn> Acesso em 08 jul. 2017.

⁷ “*Their participation in the Olympics is a tribute to the courage and perseverance of all refugees in overcoming adversity and building a better future for themselves and their families*” (UNHCR, 2016)

período de realização da 31ª edição dos Jogos Olímpicos de Verão, evento promovido pelo Comitê Olímpico Internacional e realizado na cidade do Rio Janeiro.

Com a justificativa de dar visibilidade à crise e suas consequências, considerando o panorama mundial no que diz respeito à situação dos migrantes globais, especialmente das pessoas refugiadas ou em busca de refúgio, associado à iminência de realização da Olimpíada, o COI anunciou, em setembro de 2015, a criação de um fundo emergencial de assistência a pessoas em situação de deslocamento forçado global. Além do auxílio aos refugiados, o planejamento do Comitê previa ainda a descoberta de atletas refugiados com potencial para participar dos jogos Rio 2016, como enunciado no trecho abaixo, extraído do site da organização:

TIME DE ATLETAS OLÍMPICOS REFUGIADOS É CRIADO PELO COI

O Conselho Executivo do Comitê Olímpico Internacional (COI) criou hoje um time de Atletas Olímpicos Refugiados para os Jogos Olímpicos Rio 2016. O time será tratado nos Jogos Olímpicos como todos os outros times dos 206 Comitês Olímpicos Nacionais. [...] Como parte da promessa do COI de ajudar potenciais atletas de elite afetados pela crise mundial de refugiados, os Comitês Nacionais foram convidados a identificar qualquer atleta refugiado com potencial para se qualificar para os Jogos Olímpicos Rio 2016. Esses candidatos poderão então receber financiamento da Solidariedade Olímpica para ajudar com seus preparativos e esforços de qualificação. (COI, 2016) [tradução nossa]⁸

Por meio de um investimento no valor de dois milhões de dólares, proveniente do COI e do Fundo Solidariedade Olímpica, os comitês nacionais receberam recursos para “garimpar” atletas de alto nível que tivessem sido afetados pela crise migratória e que, naquele momento, se encontravam em situação de refúgio. Segundo informações divulgadas pelo comitê em março de 2016, 43 atletas com potencial para competir no Rio de Janeiro participaram do processo de seleção para os jogos, como demonstrado no trecho abaixo:

Quarenta e três promissores candidatos foram identificados, aos quais o COI está ajudando agora. Tendo em vista a complexidade do processo e para permitir tempo suficiente para finalizar e consolidar todas as informações necessárias sobre esses candidatos, o Conselho Executivo decidiu hoje encerrar a convocação de novas candidaturas. Somente sob excepcionais circunstâncias que exigem a aprovação do

⁸ TEAM OF REFUGEE OLYMPIC ATHLETES (ROA) CREATED BY THE IOC

The Executive Board (EB) of the International Olympic Committee (IOC) today created a team of Refugee Olympic Athletes for the Olympic Games Rio 2016. It will be treated at the Olympic Games like all the other teams of the 206 National Olympic Committees (NOCs). [...] As part of the IOC’s pledge to aid potential elite athletes affected by the worldwide refugee crisis, the NOCs were asked to identify any refugee athlete with the potential to qualify for the Olympic Games Rio 2016. Such candidates could then receive funding from Olympic Solidarity to assist with their preparations and qualification efforts. (COI, 2016)

presidente do COI serão considerados novos candidatos. (COI, 2016). [tradução nossa]⁹

Ao final do processo, 10 atletas foram escolhidos pelo Comitê Executivo do COI para integrarem a primeira equipe formada exclusivamente por esportistas refugiados, um marco na história da competição. De acordo com informações divulgadas pelo COI, em página destinada à equipe em seu site, no processo de nomeação dos atletas que comporiam o time foram considerados: “o nível desportivo, o estatuto oficial de refugiado verificado pelas Nações Unidas e a situação pessoal e os antecedentes” (COI, 2016)¹⁰.



Figura 1. Atletas do Time Olímpico de Refugiados e o presidente do COI, Thomas Bach, durante a apresentação oficial da equipe em agosto de 2016 (Fonte: COI, 2016)

A criação da equipe de refugiados denominada Time Olímpico de Refugiados (*Refugee Olympic Team*) foi intensamente midiaticizada, não apenas pela presença de atletas refugiados nos jogos, algo que já havia acontecido nas Olimpíadas de Londres, em 2012, mas pelo ineditismo da formação de uma equipe num momento de agravamento da crise migratória global. Notícias anunciando a criação do time e as histórias de vida dos atletas

⁹ Forty-three promising candidates have been identified, whom the IOC is now assisting. In view of the complexity of the process and in order to allow sufficient time to finalise and consolidate all the necessary information about these candidates, the EB decided today to close the call for new candidatures. Only under exceptional circumstances requiring the approval of the IOC President will new candidates be considered. (COI, 2016).

¹⁰ “sporting level, official refugee status verified by the United Nations, and personal situation and background” (COI, 2016, s.p.)

figuraram em diversos espaços midiáticos, além de produções realizadas pelo próprio COI e pelo UNHCR, que compõem o observável desta pesquisa.

No que tange ao atravessamento entre mídia e esporte, percebemos serem frequentes as situações em que as discussões esportivas saem da esfera do lúdico ou da competição e se aproximam de questões sociais. Em diversas produções midiáticas, nos deparamos com histórias sobre os benefícios do esporte ou sobre como, através dele, determinadas mudanças sociais são possíveis. Exemplo disso são os relatos sobre trajetórias de grandes atletas que superaram inúmeras dificuldades até alcançarem o sucesso, ou mesmo, casos em que a prática esportiva é inserida em determinadas comunidades como forma de promover o bem-estar social.

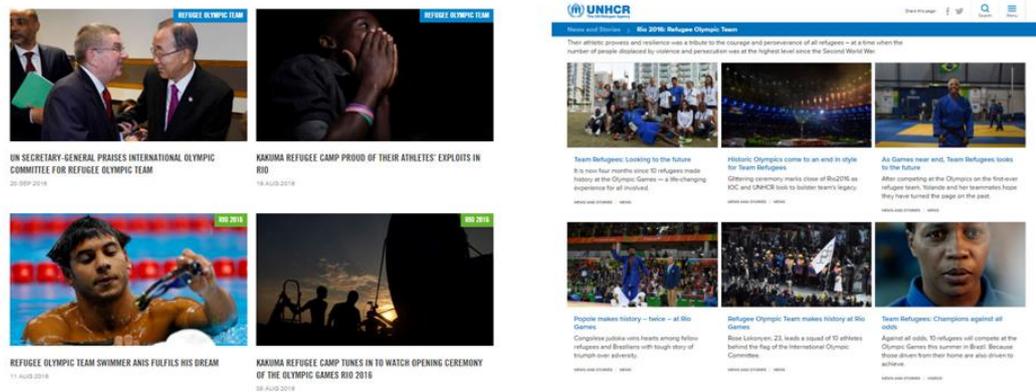


Figura 2. Notícias publicadas sobre o Time Olímpico de Refugiados: à esquerda, a página *Refugee Olympic Team* (COI), à direita a página *Rio 2016: Refugee Olympic Team* (UNHCR). (Fonte: COI; UNHCR, 2016).

Ao refletirmos sobre o espaço que o esporte ocupa em nossa sociedade, podemos afirmar que, em seus variados tipos e formas de manifestação, ele se apresenta como uma importante ferramenta de sociabilidade, de tal modo que, em 2015, as Nações Unidas reconheceram o esporte como um importante facilitador do desenvolvimento sustentável, tendo sido incluído na Agenda 2030 da ONU (COI, 2015):

O esporte é também um importante facilitador do desenvolvimento sustentável. Reconhecemos a crescente contribuição do esporte para a realização do desenvolvimento e da paz ao promover a tolerância e o respeito e as contribuições que fazem para o empoderamento das mulheres e dos jovens, indivíduos e comunidades, bem como aos objetivos da saúde, educação e inclusão social. (ONU, 2015).

As práticas que, na antiguidade, possuíam caráter lúdico ou de mero divertimento, foram se profissionalizando ao longo dos anos, provocando transformações em diversos aspectos que envolvem o ambiente esportivo, desde a preparação de atletas, passando por questões políticas referentes ao surgimento de organizações com vistas à coordenação de modalidades, campeonatos e equipes, passando ainda pelo aspecto econômico, cultural e midiático. Pensar o esporte e as dimensões por meio das quais ele está presente na sociedade contemporânea faz com que, cedo ou tarde, nos deparemos com sua relação com o campo midiático.

Como um possível lugar de compreensão da sociedade, o campo do esporte acaba se constituindo com um espaço de manifestação de múltiplas temáticas sociais, que são a ele incorporadas, como aponta Gurgel (2012, p. 249):

Os megaeventos esportivos – como os Jogos Olímpicos e as Copas do Mundo de Futebol, entre outros – adquirem papel estratégico, pois eles representam o ápice desse processo de construção de imagens esportivas espetaculares, que são midiáticas de forma massiva. E dentro desse contexto, podemos inferir que isso ocorre porque, há muito tempo, as práticas tornaram-se um dos nichos de negócios mais rentáveis dentro da ascendente economia do entretenimento, e espetacularização [...].

Como eventos midiáticos, os megaeventos promovem uma midiática do esporte, levando-o para espaços que fogem àqueles compreendidos tradicionalmente como ambientes de disputas esportivas (GURGEL, 2014), como entendemos aqui ser o caso do UNHCR e do próprio COI que, enquanto organizações, têm atuações mais enfáticas no entrecruzamento dos campos político, social e econômico e não nos espaços de disputas esportivas.

4 Uma sociedade em vias de midiática

As migrações contemporâneas ganham contornos mais complexos em virtude dos múltiplos aspectos que as compõem. Com a midiática e crescente diversificação dos modos de interação em sociedade (BRAGA, 2012), podemos perceber constantes atravessamentos entre diversos campos sociais, e a questão dos refugiados não escapa desse contexto. As consequências de seus deslocamentos produzem implicações em diferentes campos, como por exemplo: social, político, econômico, cultural e religioso.

As transformações em curso apontam para um contexto onde as práticas sociais estarão cada vez mais permeadas pela lógica midiática, muito em virtude do crescente espaço que os dispositivos de comunicação possuem no cotidiano das sociedades, especialmente nos

grandes centros urbanos conectados pelas tecnologias móveis. Podemos perceber que tanto indivíduos como organizações investem mais de seu tempo e recursos para tentar se adaptar às novas demandas de uma sociedade imersa em uma cultura da mídia, onde as relações e os sentidos se estabelecem nesse contexto de interações midiáticas.

Partimos ainda do entendimento de Hjarvard (2014) para quem a teoria da midiática se constitui como um conceito central para a compreensão da crescente importância dos meios de comunicação na sociedade e na cultura. Em acordo com o autor citado, “Por midiática da cultura e da sociedade entendemos o processo pelo qual ambas as esferas se tornam cada vez mais dependentes da mídia e de sua lógica.” (HJARVARD, 2014, p. 36). Esta dependência apontada pelo autor ocorre não apenas das instituições em relação à mídia, mas também da mídia para com as instituições e os indivíduos. Deste modo, uma das características mais marcantes do processo de midiática da sociedade contemporânea é justamente o atravessamento entre os diversos campos sociais com o campo midiático, de modo que, para compreendermos o atual contexto social e cultural, devemos nos ater às relações estabelecidas entre tais campos.

No caso específico que apresentamos por meio desta pesquisa, podemos afirmar que o fluxo de deslocamentos humanos já se constitui como um fato social que afeta diferentes campos, em virtude de suas dimensões histórica, política, econômica, cultural e subjetiva. Porém, ao ser midiático por duas organizações não midiáticas, como o COI na página *Refugee Olympic Team*, e o UNHCR na página *Rio 2016: Refugee Olympic Team*, a questão migratória ganha contornos diferenciados no contexto social mundial.

As duas organizações, ao se apropriarem de lógicas e regras do campo midiático para construir narrativas a respeito da migração e do refugiado, dão ensejo a uma complexa operação de construção de sentidos (FAUSTO NETO, 2012) a respeito dos processos migratórios contemporâneos. Como aponta Fausto Neto (2012, p. 298), “os acontecimentos são tecidos hoje no contexto da midiática no qual as mediações, enquanto práticas sociais, são afetadas por uma nova arquitetura comunicacional”.

Como nos lembra Fausto Neto (2012), uma mensagem não é o simples registro de um acontecimento, mas ao contrário, algo que compreende uma operação muito mais complexa, especialmente no atual contexto de uma sociedade em vias de midiática. Ainda de acordo com o pensamento do autor, é preciso refletir sobre a atual ambiência comunicacional, onde “tecnologias se convertem em meios, afetando não só a organização social, mas práticas dos diferentes campos” (FAUSTO NETO, 2012, p. 300).

Ao produzirem notícias sobre o Time Olímpico de Refugiados, UNHCR e COI se apropriam de lógicas do campo midiático, não simplesmente produzindo conteúdos sobre a equipe, mas principalmente, construindo novas inteligibilidades, sentidos próprios sobre as migrações e sobre o ser refugiado.

Uma vez que, todas as práticas – institucionais e individuais – estão atravessadas por efeitos das configurações desta nova ambiência, significa dizer que o acontecimento depende cada vez menos de uma “decisão soberana” de um campo e de sua respectiva atividade de mediação [...] O acontecimento resulta menos de uma decisão soberana do ambiente jornalístico porque é permeado por transações que envolvem o deslocamento das instituições e dos atores sociais na medida em que estes passam a ser “produtores” e gestores de um novo tipo de trabalho de produção de sentidos. (FAUSTO NETO, 2012, p. 300).

Assim sendo, cabe-nos lembrar que o acontecimento, no caso aqui estudado, a midiática dos processos migratórios, é resultado do olhar das duas organizações sobre este fato social, dos sentidos que produzem a partir de seus discursos, tornando esse fato inteligível para a sociedade (CHARAUDEAU, 2015). Ademais, é preciso considerar ainda que, como duas importantes organizações sociais, UNHCR e COI acabam se constituindo em fontes para o campo midiático; assim sendo, seus discursos tornam-se matéria-prima para a propagação de notícias sobre o Time Olímpico de Refugiados.

Considerações finais

Mais que a criação de uma equipe de atletas refugiados, o que percebemos a partir da midiática da equipe nas páginas do UNHCR e do COI são discursos sobre o refúgio e a sobre a migração. No entanto, a ideia de “migração” e de “refugiado” presente em tais discursos assume caracteres próprios, uma vez que, como nos apresenta Fausto Neto (2012, p. 314), o processo de midiática propicia o surgimento de “novas formas de discursividades”.

Uma vez que nossa pesquisa ainda se encontra em andamento, nos atemos aqui a fazer uma apresentação do contexto no qual nosso objeto é construído. Buscamos evidenciar a atual configuração social marcada pelo crescente processo de midiática que dá margem para o surgimento de outra ambiência onde as práticas e lógicas da sociedade são atravessadas pela cultura midiática. Nesse contexto de midiática da sociedade, as lógicas de funcionamento ou modos de operação e de percepção de si e da realidade social são em parte reconfiguradas a partir dos atravessamentos e interações que ocorrem entre os campos sociais.

Nossa proposta, ao final da pesquisa, é apresentar o resultado das análises sobre a produção de sentidos a partir dos discursos em circulação em cada uma das páginas

selecionadas – *Rio 2016: Refugee Olympic Team* (UNHCR) e *Refugee Olympic Team* (COI)–, identificando aspectos ressaltados e/ou silenciados pelas organizações a respeito da migração e do refugiado através de seus discursos sobre o Time Olímpico de Refugiados.

Referências

ANISTIA INTERNACIONAL. **Atajar la crisis global de refugiados**: de eludir a repartir la responsabilidad. Disponível em: <<https://anistia.org.br/wp-content/uploads/2016/10/POL4049052016SPANISH.pdf>>. Acesso em: 22 abr. de 2017.

BAUMAN, Z. **Estranhos à nossa porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BBC. **8 perguntas básicas para entender a crise na Grécia e suas consequências**. BBC Mundo, 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/07/150703_grecia_entenda_crise_fn> Acesso em: 08 jul. 2017.

BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: **Mediação & Miatização**. Org. Jeder Janotti Junior; Maria Ângela Mattos; Nilda Jacks. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2015.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Team of Refugee Olympic Athletes (ROA) created by the IOC**. COI, 2016. Disponível em: <<https://www.olympic.org/news/team-of-refugee-olympic-athletes-roa-created-by-the-ioc>> Acesso em: 12 maio 2017.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma "analítica" da midiatização. In: **Matrizes** / Revista de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38194/40938>> Acesso em: 02 jul. 2016.

_____. Midiatização da enfermidade de Lula: sentidos em circulação em torno de um corpo-significante. In: **Mediação e Miatização**. Org. Maria Ângela Mattos [et. al]. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

GURGEL, A. A imagem do esporte-espetáculo: breve estudo sobre os jogos imagéticos na campanha pró-Olimpíada Rio 2016. In: **Comunicação e Esporte: reflexões**. Org. Anderson Gurgel [et. al]. São Paulo: Intercom, 2012.

_____. **A economia das imagens do esporte**: produção, reprodução e valorização de bens imagéticos nos ambientes midiáticos dos megaeventos esportivos. São Paulo: PUC, 2014. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/4606>> Acesso em: 14 mar. de 2017.

HJARVARD, S. Midiatização: conceituando a mudança social e cultural. In: **Matrizes** / Revista de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo, São

Paulo, v. 8, n. 1, p. 24-44, jan/jun 2014, Disponível em: <
<http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/82929/85963>> Acesso em: 02 jul. 2016.

_____. **A midiatização da cultura e da sociedade.** São Leopoldo: UNISINOS, 2014.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Transformando Nosso Mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.** ONU, 2015. Disponível em:
<<https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>> Acesso em: 28 jun. 2017.

UNITED NATIONS HIGH COMMISSIONER FOR REFUGEES. **Refugee athletes set out for Rio Olympics, and history.** 2016. Disponível em:
<<http://www.unhcr.org/news/latest/2016/7/5799ece74/refugee-athletes-set-rio-olympics-history.html>> Acesso em: 02 jul. 2017.

_____. **Global Trends: forced displacement in 2016.** 2017. Disponível em:
<<http://www.unhcr.org/5943e8a34>> Acesso em: 10 jul. 2017.